



LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE  
(ORGANIZADORA)

**INVESTIGAÇÃO  
CIENTÍFICA NAS  
CIÊNCIAS SOCIAIS  
APLICADAS 2**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Luciana Pavowski Franco Silvestre**  
(Organizadora)

**Investigação Científica nas Ciências  
Sociais Aplicadas  
2**

**Atena Editora  
2019**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
162	<p>Investigação científica nas ciências sociais aplicadas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Sociais Aplicadas; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-689-8 DOI 10.22533/at.ed.898190710</p> <p>1. Ciências sociais. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300.72</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O e-book “Investigação Científica nas Ciências Sociais Aplicadas” publicado pela editora Atena, apresenta 40 pesquisas realizadas com temáticas que contribuem para conhecermos um pouco mais sobre a sociedade em que vivemos, bem como, sobre os desafios e estratégias relacionadas a esta.

Os artigos foram organizados em sete seções, além de dois artigos que trazem temas gerais para o debate. As seções estão divididas conforme segue: Desenvolvimento Urbano; Desenvolvimento Organizacional; Meio Ambiente e Economia; Políticas Públicas; Formação Profissional: Ensino, pesquisa e extensão; O feminino e as diferentes interfaces com as relações de gênero e Relações sociais: representações e reflexões;

O e-book apresenta caráter interdisciplinar e as publicações fundamentam o debate sobre temas que são centrais para a sociedade contemporânea. Possibilitam reconhecer e dar visibilidade às relações estabelecidas com os temas propostos e os aspectos econômicos, enquanto categoria central para se pensar nos desafios e estratégias postos para a vida em uma sociedade capitalista.

Destaca-se a seção que trata do tema “Formação Profissional”, em que são apresentados seis pesquisas voltadas para o reconhecimento da importância e contribuição do ensino, pesquisa e extensão para o desenvolvimento regional e prestação de serviços à população.

Os artigos e seções mantêm articulação entre si e contribuem para a divulgação e visibilidade de pesquisas que se voltam para o reconhecimento das estratégias e necessidades postas para vida em sociedade no atual contexto social, econômico e político.

Dra. Luciana Pavowski Franco Silvestre

## SUMÁRIO

### IV. POLÍTICAS PÚBLICAS

**CAPÍTULO 1 ..... 1**  
IMPORTÂNCIA DA CADEIA DE CUSTÓDIA E O PROCESSO DE REVITIMIZAÇÃO  
DAS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL NA CIDADE DE PORTO NACIONAL-TO, BRASIL

*Daniel Pires*  
*Vanessa da Silva Matos Galvão*  
*Fabiana Martins Venturini Andrade*

**DOI 10.22533/at.ed.8981907101**

**CAPÍTULO 2 ..... 12**  
INVESTIMENTOS PÚBLICOS E A GERAÇÃO DE EMPREGOS

*Mírian Rampi*

**DOI 10.22533/at.ed.8981907102**

**CAPÍTULO 3 ..... 22**  
PERCEPÇÃO DE FAMILIARES SOBRE A PARTICIPAÇÃO NO GRUPO DE FAMÍLIAS  
DO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL EM APÓDI/RN

*Vinícius Costa Maia Monteiro*  
*Adriano da Costa Belarmino*  
*Antônio de Pádua César Freire*  
*Fernando Camanducaio Sales Leiteo*  
*Isaac Newton Machado Bezerra*  
*Jocasta Maria Oliveira Moraes*  
*Maria da Conceição Lima Alves*  
*Moisés de Oliveira Freire*  
*Mônica Laís de Moraes*  
*Newton Chaves Nobre*  
*Pablo Ramon da Silva Carvalho*  
*Verenilson de Paiva Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.8981907103**

### V. FORMAÇÃO PROFISSIONAL: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

**CAPÍTULO 4 ..... 34**  
PESQUISA CIENTÍFICA E JUSTIÇA RESTAURATIVA NAS UNIVERSIDADES  
BRASILEIRAS

*Laís de Almeida Veiga*  
*Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima*

**DOI 10.22533/at.ed.8981907104**

**CAPÍTULO 5 ..... 40**  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A CONTRIBUIÇÃO UNIVERSITÁRIA: UMA  
ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS DE 2008 A 2016

*Mariane Rodrigues Volz de Aguiar*  
*Adriano Correia Rodrigues*  
*Jairo da Luz Oliveira*  
*Sheila Kocourek*

**DOI 10.22533/at.ed.8981907105**



**CAPÍTULO 6 ..... 52**

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CONTEXTO DA REFORMA AGRÁRIA: REFLEXÕES ACERCA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS, ASSESSORIA TÉCNICA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CAMPO

*Iara Pezzuti dos Santos*  
*André Siqueira de Mendonça*  
*Raul Pacheco Lemos dos Santos*  
*Margarete Maria de Araújo Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.8981907106**

**CAPÍTULO 7 ..... 64**

DISCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS: UMA VISÃO SOBRE A ÉTICA NA PROFISSÃO

*Maria Helena Silva Gonzaga*

**DOI 10.22533/at.ed.8981907107**

**CAPÍTULO 8 ..... 74**

A FENOMENOLOGIA DA ADOÇÃO: REFLEXÃO SOBRE A TEMÁTICA NO AMBIENTE ACADÊMICO DO CURSO DE DIREITO

*Geraldo Alves Lima*  
*Francisco Adaldson Junior Veras*

**DOI 10.22533/at.ed.8981907108**

**CAPÍTULO 9 ..... 92**

PROJETO CIVIS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

*William Mog*  
*Lívia Teresinha Salomão Piccinini*  
*Renata de Figueiredo*  
*Beatriz da Fé Reis*

**DOI 10.22533/at.ed.8981907109**

**VI. O FEMININO E AS DIFERENTES INTERFACES COM AS RELAÇÕES DE GÊNERO**

**CAPÍTULO 10 ..... 105**

“DESINVIBILIZANDO AS MULHERES EM CONTEXTO MIGRATÓRIO INTERNO”: INTERFACES ENTRE MIGRAÇÃO, TRABALHO E GÊNERO

*Guélmer Júnior Almeida de Faria*  
*Maria da Luz Alves Ferreira*  
*Andrea Maria Narciso Rocha de Paula*

**DOI 10.22533/at.ed.89819071010**

**CAPÍTULO 11 ..... 121**

UMA ANÁLISE FEMINISTA ATRAVÉS DAS GERAÇÕES ACERCA DA IMPORTÂNCIA DA MILITÂNCIA SINDICAL RURAL PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL DAS MULHERES

*Débora Bianco Lima Garbi*  
*Jáder Ferreira Leite*  
*Elisa Maria Andrade Brisola*

**DOI 10.22533/at.ed.89819071011**

<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>130</b>
ECONOMIA CRIATIVA E SUSTENTABILIDADE RURAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE MULHERES ARTESÃS DO SEMIÁRIDO ALAGOANO	
<i>Silvania Monteiro da Silva</i> <i>Manoel Valquer Oliveira Melo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89819071012</b>	

## **VII. RELAÇÕES SOCIAIS: REPRESENTAÇÕES E REFLEXÕES**

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>142</b>
O MORTO E SUA REPRESENTAÇÃO NUMA PERSPECTIVA DA ANTROPOLOGIA SIMBÓLICA	
<i>Davi Kiermes Tavares</i> <i>José Paulo Siefert Brahm</i> <i>Diego Lemos Ribeiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89819071013</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DA SOCIEDADE EM REDE DE CASTELLS E A TEORIA DA REDE DE AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS	
<i>Lademir José Cremonini</i> <i>Odete Maria de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89819071014</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>174</b>
DIGNIDADE HUMANA E LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA: A TELA DA SOLIDARIEDADE	
<i>Ailana Amaral Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89819071015</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>181</b>
DO GLAMOUR AO CHOQUE: A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA MODA DE REI KAWAKUBO NA DÉCADA DE 1990 A PARTIR DE CONCEITOS BENJAMINIANOS	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89819071016</b>	

## **VIII. TEMAS GERAIS**

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>193</b>
UMA QUOTA DE CONTROVÉRSIAS SOBRE AS PESQUISAS ELEITORAIS	
<i>Luci Nychai</i> <i>Jaíne Machado</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89819071017</b>	

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>219</b>
ÍNDICE DOS ATOS DE INFRAÇÕES COMETIDOS PELOS CONTADORES FISCALIZADOS	
<i>Mariana de Oliveira Santos</i> <i>Joice da Cunha Soares</i> <i>Lilane de Araújo Mendes Brandão</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89819071018</b>	



<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>226</b>
PAISAGEM URBANA E IMPACTO DE VIZINHANÇA: CONSEQUÊNCIAS DA INSERÇÃO DE UM EDIFÍCIO NO ESPAÇO URBANO	
<i>Susie Fonseca de Souza</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.89819071019</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>243</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>244</b>

## “DESINVIBILIZANDO AS MULHERES EM CONTEXTO MIGRATÓRIO INTERNO”: INTERFACES ENTRE MIGRAÇÃO, TRABALHO E GÊNERO

### **Guélmer Júnior Almeida de Faria**

Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social  
Montes Claros-MG

### **Maria da Luz Alves Ferreira**

Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social  
Montes Claros-MG

### **Andrea Maria Narciso Rocha de Paula**

Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social  
Montes Claros-MG

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo contribuir para a visibilidade da componente feminina em contexto migratório interno, na perspectiva das relações de gênero e do trabalho. Aborda-se o termo migração, entendendo-o como um processo. Trata-se de um estudo exploratório da inter-relação entre as mudanças nos sistemas sociais de gênero e a mobilidade feminina. As considerações sobre as migrações internas de mulheres terão por referência um estudo exploratório com investimento bibliográfico e um estudo feito pelo Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG) que integra o projeto de estruturação de um amplo Programa de

Estatísticas de Gênero do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base no Censo Demográfico de 2010. Concatena-se a este estudo uma pesquisa qualitativa realizada com 6 mulheres de uma comunidade rural do Distrito de Muquém no município de Mirabela-MG, utilizando a observação participante e entrevistas em profundidades. Considera-se para a mobilidade feminina a emancipação das mulheres nas suas comunidades de origens, a predominância da “feminização da pobreza” e a segmentação do mercado de trabalho. O que há por trás das migrações femininas tem a ver com o curso da vida, com o empoderamento, ciclo de vida, estratégias, formação de redes dessas mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Migração interna, razão de sexo, relações de gênero, trabalho, taxa líquida de migração.

### “UNLOADING WOMEN IN THE INTERNAL MIGRATORY CONTEXT”: INTERFACES BETWEEN MIGRATION, LABOR AND GENDER

**ABSTRACT:** This job aims to contribute to the visibility of the female component in an internal migratory context, from the perspective of gender and labor relations. The term migration is understood, understanding it as a process. It is an exploratory study of the interrelation between changes in gender social systems

and female mobility. The considerations on the internal migrations of women will have as reference an exploratory study with bibliographical investment and a study done by the National System of Information of Gender (SNIG) that integrates the project of structuring of a broad Program of Gender Statistics of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) based on the 2010 Demographic Census. A qualitative study was carried out with 6 women from a rural community in the district of Muquém in the municipality of Mirabela, MG, using participant observation and interviews at depths. Women's emancipation in their communities of origin, the predominance of the "feminization of poverty" and the segmentation of the labor market are considered for female mobility. What lies behind women's migrations has to do with the course of life, with empowerment, life cycle, strategies, networking of these women.

**KEYWORDS:** Internal migration, gender ratio, gender relations, labor, net migration rate.

## 1 | INTRODUÇÃO

Neste trabalho abordamos o termo migração, entendendo-o como um processo. Trata-se de um estudo exploratório da inter-relação entre as mudanças nos sistemas sociais de gênero e a mobilidade feminina. O papel assumido por muitos pesquisadores nos estudos sobre as migrações foram de colocar a mulher como companheira nesse processo migratório, sem autonomia. Por muito tempo, as migrações masculinas ditaram as tendências teóricas e incluíram as mulheres apenas como cônjuge.

No entanto, Curtis e Pacecca (2013) perceberam a inclusão da feminização às correntes migratórias, a partir da década de 1950 e 1960, em uma clara tendência a nível mundial de incorporar gênero nas teorias da migração internacional, adotando a variável "mulher" e a exploração dos modos como o gênero incide sobre a multiplicidade de fatores que estão em jogo no fenômeno migratório.

E como são os determinantes de quem se move, como esses movimentos ocorrem e o futuro resultante das mulheres e de suas famílias migrantes. Ao incorporar as relações de gênero nas migrações devem-se levar em conta os fatores sutis e óbvios que se fundem para criar experiências diferentes ao longo de todo o processo da migração e as experiências individuais das mulheres migrantes em todo o mundo (BOYD; GRIECO, 2003, p. 61, tradução nossa).

A tentativa é aglutinar os marcadores de diferenças por sexo e as relações de gênero a contextos migratórios internos, se atendo para além das descrições das diferenças entre homens e mulheres, Peres (2009) aponta que as teorias de migração avançam no sentido de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas – família, domicílio, mercado de trabalho.

Neste processo estão imbuídos pontos importantes para pensar as interseccionalidades presentes em constantes mudanças, sejam através dos papéis de gênero, as redes estratégicas de migração e a conseqüente inserção em mercados

de trabalho atrelados à função das migrantes. E quando se pensa no segmento feminino essas estruturas provocam profundas transformações.

Para Morales (2004) as fontes de informação sobre migração internacional são heterogêneas e não captam a totalidade das múltiplas dimensões do fenômeno, uma das dimensões de gênero, limita-se a apenas a variável quantitativa de sexo (número de homens e mulheres migrantes). Se gênero é uma construção social que organiza as relações entre homens e mulheres, gênero atravessa e condiciona todos os aspectos da vida social, configurando de maneira diferente as experiências migratórias de cada sexo. Deste modo, a migração desconhece a contribuição da mulher para a economia, política e a vida social.

Neste sentido, Lisboa (2007) ressalta a importância de considerarmos a perspectiva de gênero nas migrações internas, ou seja, levar em conta que os fatores que originam e estimulam a migração de homens e mulheres são diferentes.

Na visão de Sertório e Santos (2012) o gênero é analisado como um princípio classificatório que atravessa o movimento migratório e que, juntamente com outras categorias como “classe”, “geração” e “etnia”, configuram as oportunidades de mulheres e homens migrantes. O processo migratório funciona muitas vezes como um elemento fundamental para a rearticulação das relações familiares e de gênero.

Logo, pensar na migração feminina e sua interconexão com a esfera do trabalho, revela-se que é o trabalho doméstico, um dos alvos adotados pelas mulheres para ingressarem no mercado de trabalho e com isso garantir sua reprodução da vida. Diante, de tais constatações o objetivo deste artigo é o de contribuir para a visibilidade da componente feminina em contexto migratório interno, na perspectiva das relações de gênero e do trabalho.

## 2 | NOTAS METODÓLOGICAS

Neste estudo, as considerações sobre as migrações internas de mulheres terão por referência um estudo exploratório com investimento bibliográfico e de dados secundários feito pelo Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG) que integra o projeto de estruturação de um amplo Programa de Estatísticas de Gênero do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base no Censo Demográfico de 2010.

Para Peres e Baeninger (2012) tomando as mulheres como agentes secundários de processos migratórios, invisíveis em suas especificidades, implicam em ignorar complexidades e heterogeneidades. Pois, para Morokvasic e Erel *apud* Peres e Baeninger (2012, p. 5-9) “o atual contexto dos fenômenos migratórios obriga a construção de novos olhares e perspectivas, fazendo-se necessário, então, lançar mão de outros recursos metodológicos que superem as limitações dos censos demográficos”.

Logo, concatena-se a este estudo uma pesquisa qualitativa realizada com seis mulheres de uma comunidade rural do Distrito de Muquém no município de Mirabela-MG, no Norte de Minas Gerais, essas mulheres foram escolhidas por meio de informantes-chaves e famílias de origem, empregadores e através dos testemunhos das pesquisadas. Como nos propusemos a pesquisar um grupo de mulheres migrantes que participasse do trabalho doméstico urbano, pareceu-nos viável identificar na comunidade de origens informantes privilegiados e que pudessem apontá-las. A técnica de pesquisa principalmente utilizada é a da observação participante fundada nas entrevistas em profundidade e no convívio com os informantes.

### 3 I “**DESINVIBILIZANDO**”: MIGRAÇÃO FEMININA E RELAÇÕES DE GÊNERO

O fenômeno migratório é fundamentalmente de caráter interdisciplinar, uma vez que permite interpretações de variadas ordens: demográfica, econômica, política, psicológica, cultural e/ou sociológica. No contexto das migrações, uma vertente que vem chamando a atenção dos estudiosos e demais interessados na temática da mobilidade humana e áreas afins é a questão de gênero.

A intenção assumida neste estudo foi contrariar nas palavras de Marques e Góis (2012) “a cegueira de gênero das migrações” abandonando essa tendência para assumir que o papel da mulher migrante era de subordinação ao homem durante o processo migratório.

Primeiramente, a intenção aqui é apenas localizar a discussão em torno da questão da mulher e sua inserção no trabalho doméstico. Não se trata de um estudo de gênero, mas de mulheres. O esforço é desnaturalizar o que é ser homem e mulher. Desta forma, trazer para o debate questões sobre a condição da mulher.

Vários autores vêm se debruçando sobre a perspectiva relacional do conceito do que é gênero. Joan Scott (1989) o definiu como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Ou seja, é o sexo social do corpo, visto como categoria analítica.

A Antropologia caracteriza “gênero” como a forma culturalmente elaborada que a diferença sexual toma em cada sociedade, e que se manifesta nos papéis e *status* atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos.

Para além da diversidade biológica segundo Pierrucci *apud* Casagrande e Carvalho (2005, p. 10) “trata-se de uma classificação cultural com base no sexo, sexo é a base biológica sobre a qual se constrói o gênero. Desta forma, um corpo sexuado como fêmea é culturalmente percebido e socialmente construído como feminino”.

Na Sociologia, as relações de gênero correspondem ao conjunto de representações construídas em cada sociedade, ao longo de sua história, para atribuir significados, símbolos e diferenças a cada um dos sexos (CASAGRANDE; CARVALHO, 2005).

Saffioti (1999) demonstra em seu livro *O poder do macho* as relações de poder da nossa sociedade. Segundo ela há homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres e mulheres que dominam homens. Isto equivale a dizer que o patriarcado, sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira.

Deste modo, para esclarecer qualquer confusão terminológica, fêmea é o sexo biológico, feminino são modos, maneirismos e comportamentos idealizados das mulheres num lugar e época específicos, que podem também ser adotados por homens. Feminista define uma posição ou agenda política.

Os estudos sobre mulheres foram os grandes responsáveis pela introdução da categoria gênero na academia. Gênero, portanto, não significa “coisa de mulher”, mas sim, uma perspectiva relacional aos homens. A partir da década de 1980, surgem as contradições em relação ao próprio conceito de gênero, fragmentando-se e a necessidade de desnaturalizar a condição da mulher na sociedade. Gênero passa a ser entendido como uma maneira de se referir à organização social das relações entre os sexos. Na década de 1990 assume a perspectiva de homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, raça, dependendo do lugar de onde esse sujeito fala. A hierarquia de gênero independe do corpo, porém do seu contexto.

A “dominação masculina”, que foi construída socialmente, está calcada e se utiliza da “diferença biológica” entre os sexos, para justificar a sua suposta naturalidade. Para Bourdieu (1999) a evidência é de que a “dominação masculina” é resultante de uma espécie de violência suave, imperceptível, que se coloca na ordem das coisas, isto é, que é vista como normal, natural, inclusive pelas suas próprias vítimas.

Na visão de Angelin (2012) a mulher na sociedade, especificamente em nossa sociedade enquanto sujeito social, faz parte de um sistema estruturado e pautado por subordinação da mulher em relação ao homem, já que a ele são atribuídos aspectos de positividade e à mulher aspectos de negatividade.

Os estudos de gênero focam nesse ponto, desmistificando as diferenças biológicas delimitado por uma visão sócio histórica. Na divisão sexual do trabalho percebe-se a dimensão do conflito, das relações de dominação versus subordinação.

Hirata (2009) esclarece que a internacionalização do trabalho reprodutivo como uma das consequências da externalização crescente do trabalho doméstico em regiões mais favorecidas engendra uma relação em que a servidão doméstica esta sempre presente. É uma mulher fazendo o trabalho doméstico para que outra mulher possa de fato fazer parte do mercado de trabalho. A razão dessa permanência da atribuição do trabalho doméstico às mulheres, no mesmo contexto da reconfiguração das relações sociais de sexo a que se assiste hoje, permanece sendo um dos problemas mais importantes nas análises das relações sociais de sexo/gênero.

E o que é mais alarmante é a maneira como as mulheres, mesmo plenamente conscientes da opressão, da desigualdade da divisão do trabalho doméstico, continuam a se incumbir do essencial desse trabalho doméstico.



Ao incorporar os diferenciais por sexo, bem como as relações de gênero às análises de fluxos migratórios, Peres e Baeninger (2012) sugerem ir além da descrição das diferenças entre homens e mulheres, e que as teorias de migração devem avançar no sentido, no significado e nas experiências das mulheres migrantes através de sua interface com o trabalho, o arranjo familiar e as unidades domésticas.

Deste modo, Neto e Nazareth (2012) trazem um importante contributo sobre a força e representatividade com que as mulheres veem aparecendo nos números e nas discussões sobre migração no mundo globalizado fazendo com que muitos especialistas venham tratando de um processo de *feminização dos fluxos migratórios* ou dos *deslocamentos populacionais* (LISBOA, 2007), tornando necessária uma reflexão mais profunda sobre as especificidades da migração feminina, abordando fatores de vulnerabilidade e desigualdade, quanto à abertura de possibilidades e transformações na estrutura social, familiar e do trabalho.

No Brasil, segundo Chaves (2006) apesar do reconhecimento da intensa participação das mulheres nas migrações internas, a migração feminina não mobilizou nenhum estudo mais específico sobre o tema até a década de 1990, quando o fez, foi sob a ótica econômica dos diferenciais salariais nos locais de origem e destino, comparam as probabilidades de migrarem para mulheres e homens casados(as) e solteiros(as) e na migração feminina rural-urbana a partir do envelhecimento demográfico e do alto índice de masculinidade das áreas rurais.

Finalmente, Marques e Góis (2012) chamam a atenção para a subestimação do número de mulheres migrantes. Acrescentam que falar de uma “*feminização*” das migrações não é falar apenas de um aumento quantitativo da presença de mulheres nos fluxos migratórios, mas, de uma série de mudanças qualitativas das suas motivações, dos meios e formas da migração feminina, das redes sociais, dos processos de inserção econômica ou de sua integração social, do seu contributo social econômico, bem como de sua visibilidade das relações de gênero nos processos migratórios.

#### **4.1 “UM ROSTO NOVO DA MIGRAÇÃO?”: INTERFACES ENTRE TRABALHO, GÊNERO E MIGRAÇÃO**

Após anos de invisibilidade feminina, mas, como importante ator no centro das mudanças contemporâneas, hoje, percebem-se o reconhecimento dos direitos das mulheres nas distintas dimensões de suas trajetórias, ciclo e curso de suas vidas, tanto a nível público quanto privado. O próprio trabalho doméstico remunerado passou da esfera domiciliar para ganhar *status* de política pública. E nesta ótica que as mulheres vêm ganhando notoriedade dentro dos processos históricos e sobreposto a isto a questão de gênero.

Entre as mudanças demográficas que ocorreram recentemente no Brasil, observam-se a concentração da população em áreas urbanas, a diminuição das

taxas de fecundidade e mortalidade e a tendência de envelhecimento populacional (SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES DE GÊNERO, 2014).

Segundo o Censo do IBGE de 2010, entre os 4.643 mil indivíduos que migraram entre as Unidades da Federação nos últimos 5 anos antes do Censo, 2.363 mil eram homens e 2.280 mil, mulheres. A maior parte dos migrantes eram formados de adultos jovens, de 20 a 29 anos de idade, cujo percentual atingiu 31,5% do total de migrantes. Em seguida, representando 19,8% dos migrantes, figuram aqueles de 30 a 39 anos de idade.

Embora os homens continuem a migrar mais do que as mulheres, estas possuem significativa contribuição no movimento migratório, sobretudo na faixa etária de 20 a 29 anos de idade. Desta forma, uma das explicações se manifesta pela escassez de oportunidades de trabalho para as mulheres em comunidades rurais como no Distrito de Muquém/Mirabela-MG. Mas também, como salienta Lisboa (2007) as mudanças relacionadas à condição feminina e a uma maior conscientização das mulheres, que não apenas ambicionam uma vida melhor em termos objetivos, como trabalho e estudos, mas também em termos subjetivos, como a tentativa de romper com situações de opressão, discriminação e violência.

A composição sexual dos fluxos migratórios apresentam interessantes variações regionais e históricas que impõem um olhar diferenciado sobre os dados de migração. É possível constatar que a contribuição da migração para a população ao final do período, medida pela taxa líquida de migração, foi menor que 1,0% nas Regiões Norte, Sudeste e Sul, enquanto, na Região Nordeste, registrou-se ligeira perda de 1,32% e, na Região Centro-Oeste, chegou a 2,0% de ganho populacional para os homens. Isso mostra que, em termos regionais, a migração não apresentou grande contribuição para o estoque final da população no quinquênio (2005-2010) analisado, a não ser para a Região Nordeste, onde a população diminuiu em pouco mais de 1,0% no período, devido à migração e, para a Região Centro-Oeste, cuja população aumentou em 1,87% (Tabela 1) (SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES DE GÊNERO, 2014).

Região	Sexo		Total
	Homem	Mulher	
Norte	0,38	0,07	0,23
Nordeste	(-) 1,46	(-) 1,18	(-) 1,32
Sudeste	0,43	0,38	0,41
Sul	0,30	0,26	0,28
Centro-Oeste	2,00	1,74	1,87

Tabela 1 - Taxa líquida de migração (%).

Fonte: SNIG (2014) adaptado por Guélmer Faria.

Na visão de Baeninger (2011, p. 33-34) a continuidade das mudanças nos movimentos migratórios, e as tendências na migração interna no Brasil nos anos 1990 apontaram:

- 1) Os fluxos migratórios de longa distância reduziram-se, consideravelmente, em particular aqueles que se dirigiam às fronteiras agrícolas;
- 2) Mantiveram-se como área de absorção de fluxos de longa distância, os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal, que canalizaram os fluxos do Nordeste;
- 3) Houve a recuperação migratória no âmbito intra-regional de “espaços perdedores” no âmbito nacional, especialmente os estados nordestinos;
- 4) Houve o surgimento e consolidação de polos de absorção migratória no âmbito inter-regional e intra-regional, com a maior parte dos estados tornando-se “ganhadores” de população, mesmo que estes ganhos estejam circunscritos a contextos regionais específicos.

A análise dos movimentos migratórios, em anos recentes indicam o reforço da tendência de configuração de novos espaços da migração, agora, no entanto, muito mais relacionados ao âmbito de suas próprias regiões.

A partir do Censo Demográfico de 2010, podem se perceber os fluxos migratórios como enfraquecidos ou renovados com novas áreas de absorção migratória. A imigração está diminuindo. Existe um maior espalhamento (dispersão) da migração interna, os novos polos de atração migratória são: Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Região metropolitana de Curitiba, Centro Goiano, Oeste do Paraná, Ribeirão Preto e Norte Mato-Grossense.

Os dados da série histórica como revela Brito (2015) sinalizam que incorporando a segunda metade do século XX e a primeira década do século XXI há um aparente paradoxo: “a mudança no padrão migratório e a manutenção das principais trajetórias migratórias. De fato, as trajetórias se mantêm, mas quase todas apresentam a novidade: além do fluxo, um expressivo contra fluxo” (BRITO, 2015, p. 21). E esses contra fluxos são alimentados pelo aumento na reemigração interestadual de retorno, um dos fenômenos marcantes nas mudanças ocorridas no padrão migratório (BRITO, 2015).

Salientando uma mudança no padrão migratório que até a década de 1970 se pretendia dominante. Revelando estados e regiões como diferentes bolsões de absorção ou expulsão dos fluxos migratórios.

As diferenças verificadas na porcentagem do gênero feminino entre as principais regiões são, desde logo, um indício sobre a variedade que podemos deparar quando analisamos a *feminização* das migrações internas no Brasil. Essa abordagem inclui cada vez mais processos motivados pela “busca por trabalho”, tornando importante a análise das condições que determinam e influenciam a entrada das mulheres migrantes

no mercado de trabalho. Obviamente, não devemos descartar o item “acompanhar a família” como um dos motivos da migração também. De fato, percebe-se a migração de jovens para a cidade, segundo o relato oral de uma das entrevistadas:

“Lá é difícil pra ficar, assim quem quer trabalhar e conseguir alguma coisa, tipo estudar tem que sair se não lá não dá para conseguir nada não, porque não tem serviço é difícil” (Aparecida, 21 anos, Doméstica).

Esse relato coaduna com a perspectiva de Tavares (2005) que pela falta de opção de trabalho para as jovens nas pequenas cidades de onde vieram, as migrações para o trabalho doméstico passam de temporárias a definitivas.

O trabalho doméstico de jovens é uma realidade mundial, segundo Félix (2010) praticado especialmente em países de Terceiro mundo, por se tratar de atividade de fácil inserção no trabalho precoce e serve de porta de acesso ao trabalho, principalmente para jovens migrantes do interior que não encontram trabalho em sua região. Quando questionadas sobre as condições do trabalho doméstico e sobre a valorização dele, elas relataram:

“Eu gosto do que faço. Eu arrumo casa e lido na cozinha, gosto das condições de trabalho, minha patroa não se mete nas minhas coisas. Eu acho que é um trabalho como qualquer um, apesar de ter gente que julga, né? Mas que é um trabalho como qualquer um, que dá futuro.” (Aparecida, 21 anos, Doméstica).

“Quando eu falei pros meus pais que ia arrumar serviço de doméstica em Montes Claros, minha família me apoiou, a gente já sabia que tinha umas meninas indo, eu fui também.” (Penha, 23 anos, Doméstica).

A socialização de muitas mulheres no âmbito doméstico se dá via processo de re(produção) dos papéis das mães, avós e bisavós. Quando se trata de um ambiente em que pesa a situação econômica, a pobreza, o desemprego, a falta de oportunidade, o trabalho doméstico acaba por representar um “trampolim”. Muito comum, no Brasil, o apadrinhamento, o “ajudar para estudar” de meninas das zonas rurais para atuarem como serviçais nas casas das famílias de classe média e alta. Entre a maioria das entrevistadas a primeira atividade na cidade foi trabalhar como doméstica.

O emprego de meninas do interior como domésticas é legitimado tanto pelas famílias de origem como pelas famílias “que acolhem”, como estratégia viável para sustentação das famílias e único meio possível para sair dos lugares em que vivem rumo à “cidade grande”, lugar desejado para aqueles que há muitas gerações buscam na migração a “saída” para os seus problemas (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2002).

As formas migratórias adotadas por ambos os sexos acabam por segmentar e subsidiar a mobilidade sociolaboral, os homens ocupam-se na sua maioria na construção civil, no comércio, nos transportes e armazenagens, no saneamento e limpeza e nas indústrias transformadoras. As mulheres concentram-se nos serviços

peçoais, domésticos e de cuidado; presentes em atividades ligadas a restaurantes e hotéis, saneamento e limpeza, comércio e serviços sociais (MARQUES; GÓIS, 2012).

A análise das razões de sexo dos imigrantes e dos emigrantes, ou seja, da composição por sexo dos fluxos de entrada e saída das Grandes Regiões, mostra a contribuição da migração para alterações na distribuição regional de homens e mulheres. Na Região Norte, entraram 113,9 homens para cada 100 mulheres, enquanto saíram desta mesma região 95,9 homens por 100 mulheres (Tabela 2). Isso mostra que a migração intensifica a concentração de homens nesta região, uma vez que entraram mais homens que mulheres e saíram mais mulheres que homens (SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES DE GÊNERO, 2014).

Região	Total	Nº de mulheres	Nº de homens	Razão de sexo
Norte	260 670	127 579	133 091	95,9
Nordeste	1 272 413	669 609	602 804	111,1
Sudeste	838 080	431 832	406 248	106,3
Sul	268 892	137 032	131 860	103,9
Centro-Oeste	341 240	171 498	169 742	101,0

Tabela 2 - Pessoas de 5 anos ou mais de idade que residiam na Grande Região em 31.07.2005 e deixaram de residir, segundo o local de residência em 31.07.2005.

Fonte: SNIG (2014) adaptado por Guélmer Faria.

Para Peres e Baeninger (2012) a incorporação das diferenças assinaladas entre homens e mulheres na migração, demonstra a importância das diferenças socialmente construídas ao longo das trajetórias migratórias. A perspectiva regional se acentua sendo transposta e corporificada em certa autonomia. As pesquisas sobre o deslocamento dos jovens apontam como fatores: as dificuldades enfrentadas pelos jovens no campo, principalmente quanto ao acesso à escola e ao trabalho; e a atração do jovem pelo meio urbano, sobretudo, pelo estilo de vida urbano. Abaixo os relatos ilustram essa afirmação:

“Lá tem escola eu estudei, do 1º ao 2º grau tudo lá, mas depois não tem mais nada pra fazer, tem que ir buscar formação em outra cidade” (Aparecida, 21 anos, Doméstica)

“Vontade de vim para trabalhar, conseguir minhas coisas, estudar. Que até hoje ainda não consegui estudar, vou começar a estudar se Deus quiser” (Janaína, 20 anos, Doméstica).

“Eu vejo assim, Montes Claros como uma cidade que gera muito emprego e que eu acho assim que tem futuro e aqui igual te falo é a cidade do estudo, que aqui é bem mais fácil para estudar e arrumar serviço” (Socorro, 26 anos, Doméstica).

Nas demais regiões, a razão de sexo para imigrantes e emigrantes foi sempre superior a 100, o que quer dizer que o fluxo migratório foi sempre mais intenso para

homens que para mulheres. Na Região Nordeste, que apresentou saldo migratório negativo, a razão de sexo dos emigrantes (saída) foi maior que a dos imigrantes (entrada), o que significa que proporcionalmente saíram mais homens que mulheres desta região, contribuindo para diminuir a participação de homens que nela permanecem, diminuindo, assim, a razão de sexo. Nas Regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste, o saldo migratório foi positivo, sendo que a razão de sexo dos imigrantes (entrada) foi maior que a dos emigrantes (saída), resultando em uma entrada maior de homens em relação às mulheres. No entanto, como mencionado anteriormente, uma vez que a taxa líquida de migração para as regiões foi baixa, o efeito final da migração sobre o indicador da razão de sexo, mesmo sendo diferencial por sexo, foi marginal (Tabela 3) (SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES DE GÊNERO, 2014).

Região	Total	Nº de mulheres	Nº de homens	Razão de sexo
<b>Norte</b>	297 152	138 911	158 240	113,9
<b>Nordeste</b>	571 335	280 965	290 371	103,3
<b>Sudeste</b>	1 163 575	563 289	600 287	106,6
<b>Sul</b>	345 184	167 909	177 275	105,6
<b>Centro-Oeste</b>	604 048	292 671	311 377	106,4

Tabela 3 - Pessoas de 5 anos ou mais de idade que não residiam na Grande Região em 31.07.2005, segundo o local de residência atual.

Fonte: SNIG (2014) adaptado por Guélmer Faria.

De acordo com Brito (2015) as antigas regiões que até os anos 1970 cumpriam os seus papéis de reservatórios de mão de obra ou de absorção de mão de obra necessária ao crescimento da economia urbana industrial, ou à expansão da fronteira agrícola e mineral, hoje já não exercem mais exclusivamente esses papéis. Contudo, a persistência das grandes trajetórias migratórias impede, por exemplo, que São Paulo deixe de ser o estado que mais receba imigrantes e que os estados nordestinos, em seu conjunto, e Minas Gerais, em particular, deixem de ser grandes fornecedores de emigrantes interestaduais.

As desigualdades regionais em parte reforçam os movimentos migratórios que acompanham o processo de industrialização/urbanização via expansão do capitalismo. O binarismo socioeconômico, há anos postulado por análises comparativas entre as regiões Nordeste e Sul do país, acaba por influenciar as fronteiras intra-regionais e tem efeito direto sobre o capital humano e a migração.

Assim, Montes Claros-MG possui uma população com mais de 344.000 habitantes na zona urbana e menos de 18.000 habitantes na zona rural (IBGE, 2010), apresentando um índice de urbanização de cerca de 95%. Essa cidade se destaca no contexto regional, como principal polo, e sua área de influência ultrapassam os limites da mesorregião Norte de Minas Gerais. Exercendo forte atração de migrantes, pois é uma característica comum das cidades médias brasileiras.



Como caracteriza Batista (2010, p. 14) “o Norte de Minas Gerais é visto no imaginário nacional como terra de pobres, uma espécie de viveiro de migrantes”. São jovens que saem de seus lugares de origem para trabalhar nas cozinhas de famílias de classe média de Brasília (DF), nas grandes plantações do cerrado brasileiro, na construção civil das grandes cidades e em outras ocupações que requer baixa qualificação profissional, como salões de cabeleireiro, atendente de telemarketing e de postos de gasolina em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (BATISTA, 2010).

Diante disso, a migração é parte de uma estratégia de reprodução social. Claudia Maia (2000) analisando as migrações camponesas no Vale do Jequitinhonha, revela que a migração em suas diversas modalidades sempre foi utilizada como estratégia para reprodução social de grupos camponeses e de cada família em particular. Ela se apresenta como recurso tradicional para aliviar tensões econômicas e sociais.

Deste modo, os migrantes do norte de Minas Gerais, determinam em suas comunidades o calendário e o tempo da migração ditada pelos períodos em que homens e mulheres vão à busca de trabalho para garantir a reprodução de suas famílias. Por isso, o *ficar* e o *partir* têm em si significados simbólicos cujo motivo é dado pelo econômico.

Assim é possível falar em tempos da migração, que segundo Batista (2010) os que “*estão lá*” interferem na vida dos que “*estão aqui*”. Há, portanto, uma conexão dos que saem e dos que ficam. São partes complementares. Como numa trama da rede, essas partes se entrelaçam. Uma é parte contínua da outra. Compreender a circularidade dessa população é uma tentativa de não cair no simplismo.

No livro *a Casa e a Rua*, Roberto da Matta (1997) faz uma reflexão sobre o que é o tempo da casa e o tempo da rua (linear), tempo e espaço se constroem e ao mesmo tempo, são os homens em sociedade quem os cria. Deste modo, Da Matta (1997, p. 22) diz que “não há sistema social onde não exista uma noção de tempo e outra de espaço”.

No Quadro 1, notam-se os tempos da migração, o tempo da casa é a saída do presente, é o “deixar” a família, os amigos, tem uma duração cíclica que se reproduz todas as vezes que alguém “deixa” a casa ou entra em casa. O tempo da rua é linear, é a volta ao passado, tem duração cumulativa e histórica. Possui uma temporalidade impessoal que não dá nenhum direito à saudade ou à reversibilidade plena. Caracteriza-se pelo tempo da rua com seus movimentos desordenados e suas “arruaças”; às vezes tempo imoral de mudanças.

Saída do Presente (O ir)	Volta ao Passado (O viver)	Retorno ao Presente (O voltar)
Abandono da terra com a família, geralmente mulheres e crianças. Deixar os modos de vida.	Trabalho (colheita do café, corte da cana de açúcar, trabalho doméstico, etc.) geralmente alguma atividade que foi passada de pai para o filho. Novos modos de vida no trabalho.	A volta que garante a reprodução familiar.

Quadro 1 - Tempos da Migração.

Fonte: Guélmer Faria (2014).

Percebe-se ao longo do tempo que as famílias foram construindo estratégias de partida, permanência e reprodução. Cujas manutenções da terra e da família possa ser diminuída sem ter que se dissolver. Entretanto, esse deslocamento espacial adquire significados distintos, ditados pelo atual contexto familiar. Batista (2010) exemplifica como as razões da migração se apresentam: de pobreza (saída para reprodução física do grupo), necessidade de progressão nos estudos (ampliação do capital cultural), casamento (saída para “juntar recursos”, voltar, construir residência, casar, constituir uma nova família), a saída para “conhecer o mundo”, vivenciar novos espaços, paisagens, lugares, cenas e cenários, entre outras.

É neste cenário que a região norte-mineira se insere dentro do quadro das migrações internas no Brasil. Onde a migração rural-urbana na visão de Paula (2003, p. 79) “tem destaque em todo o país, do grande sertão, lugar de conflitos de terras, da indústria da seca, das políticas públicas desenvolvimentistas que objetivaram a transformação da região e não transformaram a qualidade da vida da população sertaneja”.

Pensar nessa migração com enfoque no gênero, também se configura como tarefa difícil, já que são as mulheres e crianças que ficam para tomar conta da terra. Nunca são vistas como autônomas nos projetos migratórios, sempre são os homens a sair. Embora, Batista (2010) apontou em sua pesquisa que a saída das moças para Brasília (DF) e Montes Claros (MG) para trabalhar como domésticas são na sua maioria de famílias pobres, que não possuem rendimento estável, somada à dificuldade de obter trabalho na comunidade de origem.

Especialmente as mulheres solteiras elaboram um projeto migratório autônomo e no dizer de Maia (2000) também migram em resposta a necessidades individuais – expressas principalmente na necessidade de ganhar dinheiro e na “falta do que fazer no lugar” – mas também como estratégia auxiliar na reprodução social da unidade familiar, através da “expulsão” de um dos seus membros.

Logo, a diferenciação por sexo baseada na distinção biológica influencia direta ou indiretamente no projeto migratório. Se as mulheres migram, perdem o elo com

a terra e sua condição social se redefine, como afirma Maia (2000). Além disso, é através da permanência das mulheres na casa, no “*lugar de origem*”, e do seu trabalho na terra que o retorno dos homens é garantido.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste trabalho contribuir para a visibilidade da componente feminina em contexto migratório interno, na perspectiva das relações de gênero e do trabalho. Algumas explicações para a mobilidade feminina se sobrepõe a emancipação das mulheres nas suas comunidades de origens, à predominância da “*feminização da pobreza*” e a segmentação do mercado de trabalho.

Partindo-se de dados secundários concatenados entre o estudo feito pelo Sistema Nacional de Informações de Gênero (SNIG) que integra o projeto de estruturação do Programa de Estatísticas de Gênero do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com base no Censo Demográfico de 2010 e uma pesquisa qualitativa local. As análises qualitativas revelaram, por fim, importantes conexões entre essas esferas e, ainda especificidades das mulheres que migram internamente, sobretudo para atuar como domésticas.

Quanto à percepção das relações de gênero um dos aspectos importantes da análise é a de que homens e mulheres passam por variadas experiências ao longo de suas trajetórias migratórias. Rechaçando a tese dos cálculos racionais individuais. O que há por trás das migrações femininas tem a ver com o curso da vida, com o empoderamento, ciclo de vida, estratégias e formação de redes dessas mulheres.

Por fim, “*desinvisibilizar*” o papel das mulheres nos movimentos migratórios é tecer duras críticas às teorias que não incorporaram as mulheres em seus modelos, analisar a segmentação do trabalho dentro de uma divisão sexual do trabalho, pois, às mulheres de origens mais desfavorecidas recai o trabalho doméstico, o trabalho do *care (cuidado)*, a prostituição etc. Assim, incorporam-se as fontes de dados agregados com dimensões qualitativas como pano de fundo para compreender as mudanças nos papéis desempenhados pelas mulheres. Apesar disso, há um conjunto de questões importantes para as quais ainda se fazem necessário encontrarem respostas: As mulheres surgem como agentes ativos ou passivos nos movimentos migratórios internos? Há destinos específicos para as mulheres migrantes internas? Quais são os setores de inserção laboral? Como as fontes de dados trabalham metodologicamente com a componente feminina?

## REFERÊNCIAS

ANGELIN, Paulo Eduardo. **Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares**. 255 f. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, 2012.

- BAENINGER, Rosana. Migração, migrações. **Ideias**, Campinas, n. 2, nova série, jan./jun. 2011.
- BATISTA, Elicardo Heber Almeida. “**Povos de Santana**”: condições de vida e mobilidade espacial no Norte do estado de Minas Gerais. 131 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Agricultura, Desenvolvimento e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.
- BRITO, Fausto. **A transição para um novo padrão migratório no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2015.
- BOYD, Monica; GRIECO, Elizabeth. **Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory**. Migration Policy Institute. Washington, 2003.
- CASAGRANDE, Lindamir Salete; CARVALHO, Marília Gomes. Gênero: um conceito, múltiplos enfoques. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, ano 1, n. 1, p. 9-25, fev./mar./abr. 2005.
- CHAVES, Maria de Fátima Guedes. **Mulheres migrantes: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1981-1991**. 2009. Tese (Doutorado em Demografia) - Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- DA MATTA, Roberto. **A Casa e A Rua**. Rio de Janeiro: Quanabara-Koogan, 1991.
- FÉLIX, José Fontes. **O trabalho doméstico de adolescentes: naturalização da exclusão e submissão**. 111 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.
- HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, set./dez. 2009.
- LISBOA, Teresa Kleba. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 805-821, set. /dez. 2007.
- MAIA, Claudia de Jesus. “**Lugar**” e “**Trecho**”: migrações, gênero e reciprocidade em comunidades camponesas do Jequitinhonha. 194 f. 2000. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, 2000.
- MARQUES, José Carlos; GÓIS, Pedro. **A emergência das migrações no feminino**. Princípia, Cascais. 2012.
- MORALES, Liliana Aurora. **Mujeres jefas de hogar, características y táticas de supervivencia**. Uma intervención desde el trabajo social. Espacio Editorial: Buenos Aires, 2004.
- NETO, Maria Inácia D’ávila; NAZARETH, Juliana. **Redes sociais na experiência migratória de mulheres nordestinas**. Disponível em: <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/315.%20redes%20sociais%20na%20experi%C3%ancia%20migrat%20D3ria%20de%20mulheres%20nordestinas.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/315.%20redes%20sociais%20na%20experi%C3%ancia%20migrat%20D3ria%20de%20mulheres%20nordestinas.pdf)>. Acesso em: 23 outubro 2012.
- Organização Internacional do Trabalho (OIT). **Trabalho digno para o trabalho doméstico**. 2010. Disponível em: <[http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/pub\\_trabdomestico.pdf](http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/pub_trabdomestico.pdf)>. Acesso em: 4 dezembro 2012.
- COURTIS, Corin; PACECCA, María Inés. Género y trayectoria migratoria: mujeres migrantes y trabajo doméstico en el amb. **Papeles de Población**, Toluca, v. 16 n. 63, ene./mar. de 2010.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha. **Integração dos migrantes rurais no mercado de trabalho em Montes Claros, norte de Minas Gerais**: “a esperança de melhoria de vida”. 151 p. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

PERES, Roberta Guimarães. Mulheres na fronteira: a migração de bolivianas para Corumbá-MS. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 8, n. 2, p. 120-137, jul./dez. 2015.

PERES, Roberta Guimarães; BAENINGER, Rosana. Espaços Migratórios na Fronteira: Imigração Boliviana e Gênero. In: IV CONGRESSO PARAGUAIO DE POPULAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PARAGUAIA DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO, 4., Assunção. **Anais ...** Assunção, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. 5ª edição. Editora Moderna. 1999.

SERTÓRIO, Lidiane Bruno; SANTOS, Mirian de Oliveira. O. **Relações entre trabalho, educação, gênero e migração**. Disponível em: <[http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Lidiane\\_Bruno\\_Sertorio\\_e\\_Miriam\\_de\\_Oliveira\\_Santos\\_relacoes\\_entre\\_trabalho\\_educacao\\_genero\\_e\\_migracao.pdf](http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Lidiane_Bruno_Sertorio_e_Miriam_de_Oliveira_Santos_relacoes_entre_trabalho_educacao_genero_e_migracao.pdf)>. Acesso em: 23 março 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez.1995.

SNIG. **Sistema Nacional de Informações de Gênero. Estatísticas de gênero uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010**. Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 33, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=288941>>. Acesso em: 23 setembro 2012.

TAVARES, Gilson Queiroz. **Migração interna populacional e sua participação no desenvolvimento regional no final do século XX**. 107 f. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Fundação Getúlio Vargas, 2001.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Luciana Pavowski Franco Silvestre** - Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abuso sexual 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10

Acadêmicos 37, 62, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 74, 75, 86, 88, 89, 90

Adoção 74, 75, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

Amostragem 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Antropologia 78, 108, 142

Assistência técnica 58, 92, 93, 94, 102

Aura 181, 182, 183, 184, 190, 191

### B

Brasil 1, 2, 3, 5, 9, 11, 12, 20, 22, 23, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 49, 57, 59, 62, 63, 65, 74, 75, 82, 83, 84, 85, 90, 91, 102, 110, 112, 113, 117, 119, 121, 122, 128, 129, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 149, 150, 151, 153, 154, 194, 204, 205, 217, 218, 242

### C

Cadeias de custódias 1, 7

Capital intelectual 130, 131, 132, 133, 135, 140

Centro de atenção psicossocial 22, 26, 33

Choque 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Cidade 1, 2, 3, 4, 10, 17, 18, 23, 26, 33, 53, 54, 59, 62, 86, 93, 94, 95, 96, 113, 114, 115, 142, 143, 145, 185, 212, 215, 226, 228, 229, 234, 238, 239, 240, 241, 242

Cinema 174, 175, 177, 179

Contabilidade 13, 20, 21, 48, 49, 64, 65, 66, 72, 219, 220, 221, 222, 225

Curso de direito 90

### D

Deficiência 174, 175, 177, 178, 179, 180

Desenvolvimento regional 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 120

Dignidade humana 174, 176, 178

### E

Economia 12, 13, 15, 42, 46, 48, 49, 51, 63, 107, 115, 130, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 140, 141, 193, 195, 198, 215

Empoderamento feminino 130

Estatuto da criança e do adolescente 91

Ética 3, 11, 27, 38, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 90, 133, 179, 219, 220, 221, 222, 225

Experiência 23, 24, 30, 31, 33, 52, 53, 55, 60, 63, 76, 78, 79, 80, 82, 88, 89, 92, 93, 119, 128, 130, 131, 169, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190

## **F**

Família 6, 10, 11, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 56, 57, 58, 74, 82, 83, 86, 88, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 113, 116, 117, 125, 128, 134, 143, 146, 174, 179, 195, 243

Familiares 7, 9, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 53, 56, 62, 107, 118, 125, 132, 150

Fenomenologia 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 162, 164

## **I**

Impacto de vizinhança 226, 233

Inclusão social 12, 13, 94, 140, 178

Infração 219, 222, 224

## **J**

Justiça restaurativa 34, 36, 37, 38, 39

## **M**

Migração interna 105, 112, 119, 120

Moda 78, 141, 166, 181, 182, 183, 185, 186, 188, 189, 190, 191

Morte 79, 142, 143, 145, 151, 152, 153, 154, 242

Morto 142, 143, 150, 152, 153

Mundo da vida 155, 156, 157, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173

## **P**

Paisagem urbana 226, 227, 229, 235, 241, 242

Pesquisa científica 11, 34, 37

Pesquisas eleitorais 193, 194, 195, 196, 198, 201, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218

Princípios morais 64

Probabilidade 193, 197, 199, 202, 209, 210, 213, 214

Profissional 4, 6, 24, 25, 33, 44, 52, 55, 59, 60, 64, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 94, 102, 116, 194, 219, 221, 222, 224, 225

Projeto civis 92, 94

## **Q**

Quotas 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 208, 212, 213, 214, 215, 216, 217

## **R**

Razão de sexo 105, 114, 115

Rede de ação comunicativa 155, 156, 163, 165, 167

Relações de gênero 63, 105, 106, 107, 108, 110, 118, 124, 127, 128

Representação 42, 125, 142, 143, 146, 163, 187, 201, 208

Revitimização 1, 3, 4, 5, 7, 10

Revolução tecnológica informacional

## **S**

Saúde criança 93, 103, 104

Saúde mental 7, 9, 11, 22, 23, 24, 25, 30, 32, 33

Sociedade em rede 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 170, 171, 172

## **T**

Taxa líquida de migração 105, 111, 115

Trabalho 4, 6, 7, 15, 18, 19, 25, 26, 33, 35, 40, 42, 43, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 82, 89, 93, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 156, 168, 174, 176, 181, 182, 186, 187, 188, 204, 220, 229

## **U**

Universidades 34, 35, 37, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51

## **V**

Vítimas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 36, 93, 109

Vivência 26, 125, 126, 181, 184, 185, 186, 190

## **Z**

Zona rural 53, 115, 130, 131

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-689-8

